

Sofrimento Psíquico durante a Pandemia de Covid-19: uma análise existencialista sobre a materialidade da vida e sobre o uso da tecnologia

Psychic Suffering during the Covid-19 Pandemic: an existential analysis on the materiality of life and on the use of technology

Daniel Marcio Pereira Melo¹

¹ Psicólogo. Doutorando em Filosofia pela Universidade da Beira Interior – UBI (Portugal) com cotutela na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (Brasil). Mestre em psicologia pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR (Brasil). Especialista em Psicologia Hospitalar, Formação em Dinâmica de Grupo e Gestalt-Terapia. Psicoterapeuta Fenomenológico-Existencial. Analista Existencial Sartriano. Foi Professor Auxiliar do curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR (Brasil). É Professor convidado da Escola de Saúde de Pós-Graduação da Universidade de Fortaleza – UNIFOR (Brasil). Diretor e Membro Fundador do Instituto Intentio de Psicologia Fenomenológica (Brasil). E-mail: danielmpmelo@hotmail.com.

Resumo

O objetivo é discutir a relação entre a materialidade da vida, o uso da tecnologia e o sofrimento psíquico durante a pandemia de Covid-19. Trata-se de uma discussão teórica que toma a compreensão existencialista sobre a condição humana como a dialética entre a condição material (o sujeito enquanto corpo-performance-de-subjetividade diante do Outro), e a consciência como absoluto de subjetividade em sua dinâmica nadificadora. O sofrimento psíquico é expressão da maneira como o sujeito contemporâneo experiencia o paradigma da tecnologia frente à crise sanitária oriunda da pandemia. Recorre-se a noções fundamentais do existencialismo – consciência, angústia, Outro, situação – a fim de apresentar a relação entre o que se chama aqui de materialidade da vida, o sofrimento psíquico e a pandemia. Há um comprometimento da materialidade da vida na vivência de relações interpessoais e de trabalho mediadas pela tecnologia. O isolamento social enquanto medida de enfrentamento da pandemia é uma questão nevrálgica e atravessa o sofrimento psíquico contemporâneo.

Palavras-Chave: Existencialismo; Sofrimento Psíquico; Pandemia; Materialidade da Vida; Tecnologia.

Abstract

The objective is to discuss the relationship between the materiality of life, the use of technology and the psychological distress during the Covid-19 pandemic. It is a theoretical discussion that takes the existentialist understanding of the human condition as the dialectic between the material condition (the subject as a body-performance-of-subjectivity before the Other), and consciousness as an absolute of subjectivity in its nadificating dynamics. Psychic suffering is an expression of the way the contemporary subject experiences the paradigm of technology in the face of the health crisis arising from the pandemic. The fundamental notions of existentialism are used –conscience, anguish, Other, situation– in order to present the relationship between what is called here the materiality of life, psychological suffering and the pandemic. There is a compromise in the materiality of life in the experience of interpersonal and work relationships mediated by technology. Social isolation as a means of coping with the pandemic is a critical issue and crosses contemporary psychological suffering.

Keywords: Existentialism; Psychic Suffering; Pandemic; Materiality of Life; Technology.

Introdução

Este texto apresenta uma análise existencialista sobre o sofrimento psíquico durante a pandemia de Covid-19 a partir de certa crítica ao paradigma de positividade que a tecnologia impõe à condição humana na contemporaneidade. O objetivo é discutir a relação entre a materialidade da vida, o uso da tecnologia e o sofrimento psíquico na situação de pandemia de Covid-19. Trata-se de uma discussão teórica que tem na ontologia fenomenológica sartriana seu ponto de partida, ao se tomar a compreensão existencialista sobre a condição humana como a dialética entre a condição material do homem (o sujeito enquanto corpo-performance-de-subjetividade diante do Outro), e a consciência como absoluto de subjetividade cuja dinâmica de funcionamento se dá por certa ação nadificadora. O sofrimento psíquico é uma expressão de certa maneira do sujeito contemporâneo experimentar o paradigma da tecnologia na situação histórica e política advinda pela crise sanitária mundial na pandemia. Noções fundamentais do existencialismo, entre elas a noção de consciência, de angústia, de Outro e de situação, podem ajudar na compreensão sobre a relação que se estabelece entre o que se chama neste texto de materialidade da vida, o sofrimento psíquico e a pandemia. O ponto de partida para esta discussão é a relação que Sartre (1940) faz entre o real e o imaginário na experiência do sujeito chamado de “sonhador mórbido”:

Pois, com efeito, um desejo nunca é literalmente satisfeito, precisamente por conta do abismo que separa o real do imaginário. O objeto que eu desejava, podem até dá-lo a mim, mas será num outro plano de existência, ao qual tenho de me adaptar (...). De saída, o presente exige uma adaptação que ele não é mais capaz de ter – é que o real é sempre novo, imprevisível. (Sartre, 1940/1987, p. 194).

Pensemos o sujeito da pandemia como sendo, de certo modo, uma espécie de "sonhador mórbido" sobre o qual nos fala Sartre neste trecho da obra *O Imaginário* (1940/1987). Para tanto, faço algumas considerações sobre as relações entre os três elementos apontados no título proposto, *a materialidade da vida, o sofrimento psíquico e a pandemia*, a fim de que compreendamos o sofrimento psíquico do sujeito contemporâneo na crise sanitária mundial advinda pela pandemia da Covid-19, como resíduo desta suposta condição de "sonhador mórbido". Vejamos:

O imaginário volta-se sempre ao real que permanece como pano de fundo de certa construção criativa do sujeito sobre sua existência. O imaginário mantém o real enquanto dimensão sustentável da existência do sujeito que se engaja com a responsabilidade em sustentar a gratuidade dessa existência a seu modo, de forma particular. A fissura que separa o real do imaginário é, portanto, preenchida pela tentativa, sempre fracassada, de um sujeito que

é materialidade enquanto totalização em curso. A práxis do sujeito enquanto totalização em curso histórico se revela em um vai e vem progressivo e dialético entre “interiorização do exterior” e “exteriorização do interior”. Como compreender isso na situação da pandemia de Covid-19?

Materialidade da vida

A condição de sujeito, que para a psicologia existencialista compreende a organização subjetividade-corpo-situação diante do Outro, que é diferente de subjetividade, consciência enquanto absoluto de presença “a”, pode ser pensada a partir da materialidade histórica do nascimento do sujeito enquanto ponto de referência da sua gênese e da certeza da morte enquanto fim da sua existência.

Assim, o corpo como facticidade é o passado enquanto remete originariamente a um nascimento, ou seja, a uma nadificação primeira que me faz surgir do Em-si que sou de fato sem ter-de-sê-lo. Nascimento, passado, contingência, necessidade de ponto de vista, condição de fato de toda ação possível sobre o mundo: assim é o corpo, tal como é para mim. (Sartre, 1943/2011, p. 413).

Essa nadificação primeira que o corpo anuncia em sua materialidade e temporalidade passada aponta, também, um sentido futuro a ser perseguido, um projeto que se mostra no horizonte como empreendimento viável. O sujeito se anuncia em sua materialidade. Seu corpo que é, juntamente com a materialidade do mundo, coisa vista por um outro e localizada em sua utilidade, aponta um ato a ser realizado, um gesto enquanto expressão performática de certa subjetividade. Nesse sentido, o sujeito é um ato anunciador em sua corporeidade (Melo, 2020). É, também, subjetividade enquanto absoluto de presença de uma consciência nadificadora. O presente, situação de pandemia, exige do tal “sonhador mórbido”, sujeito da pandemia, adaptação, pois o presente é apenas a presença do sujeito a, a fim de que opere a dialética entre real e imaginário. O real da pandemia se coloca como materialidade súbita que provocou certo abalo existencial num sujeito convocado a uma adaptação – quisera fosse também súbita, mas não o é, e exige ajustamentos do corpo, das relações de trabalho, da interação social, da exposição à arte. O sujeito da pandemia parece não lograr esse êxito súbito e sucumbe, materializando-se enquanto certo “sonhador mórbido”.

O que chamo aqui de materialidade da vida a partir do proposto por Sartre (1943/2011) é a condição material da existência de um sujeito histórico que tem em sua raça, em sua condição social, em seu passado, em seu corpo e em seus objetos de uso particular os dados

objetivos de referência do ato livre de criação de um “si mesmo” em determinada situação, sua presença “a”. São esses os instrumentos que o sujeito utiliza como objetos da sua condição de subjetividade, a consciência, por meio da instrumentalidade do seu corpo que, nesse ato de fazer-se também um instrumento, é o operante da singularização que se dá diante de objetos tomados enquanto expressão do que há de universal neste sujeito: a coletividade dos objetos em relação ao uso que se estabelece com eles – suas roupas, seu computador portátil, seu celular, seu livro, pela sua forma particular de usá-los, são a própria expressão da sua condição de sujeito.

Esta sala onde espero o dono da casa me revela, em sua totalidade, o corpo de seu proprietário: essa poltrona é poltrona-onde-ele-se-senta, essa mesa é mesa-na-qual-escreve, esta janela é janela por onde entra a luz-que-ilumina-os-objetos-que-vê. Assim, ele está esboçado por toda parte, e este esboço é esboço-objeto; um objeto pode, a qualquer momento, vir a preencher tal esboço com sua matéria. (Sartre, 1943/2011, p. 430).

A matéria é, pois, a presença do sujeito, inclusive sua ausência que aponta a presença de um corpo em algum lugar. A materialidade da vida são os arredores cujo constituinte primeiro é o nosso próprio passado como ponto de referência que deve ser superado; nosso corpo enquanto escultura da nossa existência, cuja ação performática aponta em seu *ato anunciador* um projeto de ser futuro (Melo, 2020). Pois bem, essa materialidade que é sobretudo presença vivida enquanto práxis dialética do fazer a partir de um ponto de localização no mundo, uma hodologia, revela a condição ontológica da liberdade, que só se dá em situação, já que é na própria adversidade contingente e gratuita das situações históricas vividas que o sujeito atua expressando a autonomia de escolha que é, por uma determinada práxis, engajamento em certo projeto de ser. Isso se dá em face à condição prático-inerte a qual é lançado desde sua proto-história (infância primitiva), ao assumir a herança dos outros sobre sua constituição de sujeito. O sentido neste contexto é sempre de negatividade, pois o sujeito é uma falta em constante busca de preencher-se, e tal preenchimento mostra-se no horizonte, um projeto a ser realizado cujo empreendimento de realização é a própria condição faltante – a existência humana é gratuita, não há sentido *a priori*. O homem nada mais é do que uma série de empreendimentos e a soma total deles, afirma Sartre (1946/2010). É nesse sentido que “a existência precede a essência”, sendo a essência sempre negativa e só podendo ser positivada na morte. É somente na morte que o homem é. “O cadáver não está mais em situação” (Sartre, 1943/2011, p. 437). É um Em-si transcendido, passado puro em forma de rastro de uma existência. Ele é o resto de um sujeito que se foi e se deixou enquanto essência para o usufruto do outro. O homem enquanto vivente é, ao contrário,

(...) “um ser das lonjuras”. É no movimento de interiorização que atravessa todo o ser que o ser surge e se organiza com o mundo, sem que haja prioridade do movimento sobre o mundo ou do mundo sobre o movimento. Mas esta aparição do si-mesmo para além do mundo, quer dizer, além da totalidade do real, é uma emergência da “realidade humana” no nada. (Sartre, 1943/2011, p. 59).

O homem é uma totalização em curso, ele inventa-se e cria-se em cada ato. Na morte não há ato, perde-se o elemento principal da condição humana segundo o existencialismo – a capacidade de dialetizar as contingências gratuitas da vida, fazer alguma coisa com aquilo que os outros fizeram de nós. Na morte não há futuro! Essa é a causa invertida que anuncia a condição mais visceral ou, por que não dizer, a face mais crua da condição humana de angústia: a negatividade. O autor francês propõe que na angústia a consciência marca um encontro consigo mesma no futuro e teme não se fazer presente em tal encontro. Eis aí a gratuidade da vida. Não há garantias! Eis aí a angústia nua e crua. Eis a negatividade da vida cujo alívio se encontra na materialidade: no corpo coisa, na fala dita, no gesto enquanto performance sentida. Na presença “a” de uma consciência posicional enquanto tentava dialetizar o real e o imaginário.

Nesse sentido,

Seria necessário mostrar a necessidade conjunta de “interiorização do exterior” e “exteriorização do interior”. A práxis, com efeito, é uma passagem do objetivo para subjetivo, através da interiorização; o projeto, como superação subjetiva da objetividade no sentido da objetividade, estendido entre as condições objetivas de meio e as estruturas objetivas do campo dos possíveis, representa em si mesmo a unidade movente da subjetividade e da objetividade, essas determinações cardeais da ação. O subjetivo aparece então como um momento necessário do objetivo. (Sartre, 1960/1966, p. 154).

Na situação de pandemia, momento histórico marcado pelo paradigma da tecnologia e de vivências interpessoais virtualizadas, o que está em questão é a materialidade do sujeito. A virtualidade é uma espécie de pornografia da materialidade da vida. Na tela vemos o corpo do outro como uma espécie de holograma. Tocamos o outro pelo clique no monitor, pelo *touch screen*, mas não há cheiro, não há suor, não há arrepio pela sua presença. O Outro, neste caso a ausência presente do outro lado da tela, é uma sombra sentida, mas não vivamente. Na tela, a presença não é sentida como passos que anunciam uma alteridade que se aproxima, cuja exterioridade experiávamos pelo “buraco da fechadura” (Sartre, 1943/2011). O rubor de vergonha daquele que observa o Outro nessas condições fica embotado. Sua presença é vista enquanto passos cujo som é de rastros ausentes. A tecnologia possibilita interagir com o Outro do outro lado do Atlântico, mas essa interação é virtualizada, ou seja, a exterioridade do Outro não se mostra enquanto materialidade inequívoca que nos constrange. Não, o máximo que a tecnologia

consegue nos oferecer desta presença do Outro que está do outro lado da tela é um esboço de presença. “Estar ausente é estar-em-outro-lugar-em-meu-mundo; é ser dado para mim (...) E este ser-em-outro-lugar é ser-em-algum-lugar: já é o seu corpo” (Sartre, 1943/2011 p. 430). O problema diante da ausência do Outro mediada pela tecnologia parece dizer respeito à materialidade, ao corpo: não acessamos a exterioridade da presença do Outro, e o seu “estar-em-outro-lugar” não compartilha do meu mundo. Seu corpo é um simulacro, registra-se na condição de materialidade sem exterioridade. É virtualização da alteridade. Como um holograma ele habita a “matrix” de um perfil numa rede social a qual não tenho acesso, pois se trata de um recorte de um sujeito, não do sujeito em sua inteireza exteriorizada. Diz-nos Sartre:

O corpo do Outro é indicado pela ronda das coisas-utensílios, mas indica, por sua vez, outros objetos, e, finalmente, integra-se em meu mundo e indica meu corpo. Assim, o corpo do Outro é radicalmente diferente do meu corpo-para-mim: é a ferramenta que eu não sou e que utilizo (ou que me resiste, o que dá no mesmo). (Sartre, 1943/2011, p.428).

A tecnologia não nos deu ainda a possibilidade de utilizar o corpo enquanto ferramenta material e isso promove certo impacto em nossa vivência de interessoalidade, posto ser ela virtualizada, ou seja, o corpo, dimensão fundamental da condição do sujeito, se apresenta noutra configuração: mediado pela tecnologia, o corpo deixa de ser (...) “a ordem que presentifica a existência do homem no mundo” (Melo, 2020, p. 70). O corpo como “ordem absolutamente necessária e totalmente injustificável das coisas do mundo” (Sartre, 1943/2011, p. 391) é substituído pela tecnologia que assume a função de dar ordem à existência do homem no mundo. Neste caso, uma ordem cujo fundamento é a positividade.

Faz-se necessário discutir a materialidade da vida na conjuntura da pandemia, pois há uma real ameaça de morte, os números mostram isso, e, também, porque é a materialidade da vida a inscrição da condição de sujeito: somos um corpo, não temos um corpo. “O corpo é, inteiro, pessoa. Só há pessoa no corpo que se revela diante de um outro pelo ato” (Melo, 2020, p. 29). Para o existencialismo, o sujeito é sua materialidade que tem na condição fática do corpo a localização histórica da sua subjetividade. “O corpo é, por excelência, o lugar possível de apreensão da consciência do homem, na ótica fenomenológica” (Melo, 2020, p. 74). Onde está o corpo na virtualidade? O que se torna o corpo quando o sujeito mantém uma interação virtual?

“O senhor cresceu, doutor? Parece maior”, diz um paciente que chega à sessão de psicoterapia presencial depois de oito meses de psicoterapia on-line. Sobre o que ele está a falar? Parece que está falando sobre a materialidade da presença do terapeuta. O paciente estava acostumado à presença constrangedora do seu terapeuta enquanto imposição de certa

materialidade constituidora de relação terapêutica particular que estabelecem. Na psicoterapia on-line, a partir do novo contrato terapêutico estabelece-se uma nova relação, de outra ordem e tipo, com outra configuração, por terapeuta e paciente estarem num encontro virtualizado. É uma relação terapêutica como a que se dá na sessão de psicoterapia presencial, mas se ergue a partir de um encontro diferente: o encontro virtual. Estrutura-se enquanto sendo da ordem de uma relação virtualizada que pressupõe um encontro que se dá a partir de presenças virtualizadas. E o que isso significa? Antes de qualquer coisa, significa que paciente e psicoterapeuta têm acesso ao corpo um do outro pela mediação da tecnologia, pela via da virtualização, ou seja, o corpo se apresenta sem a exterioridade da materialidade fática que o constitui.

Na psicoterapia on-line a experiência de espacialidade e de temporalidade são diferentes, são de outra ordem.

(...) Meu lugar se define pela ordem espacial e a natureza singular dos “istos” que a mim se revelam sobre o fundo de mundo. É, naturalmente, o lugar que “habito” (meu “país”, como meu solo, seu clima, suas riquezas, sua configuração hidrográfica e orográfica), mas também, mais simplesmente, a disposição e a ordem dos objetos que pretensamente me aparecem (uma mesa, do outro lado da mesa a janela, à esquerda da janela a estante, à direita uma cadeira, e, atrás da janela, a rua e o mar) e que me indicam como sendo a própria razão de sua ordem. É impossível que eu não tenha um lugar, caso contrário eu estraria, em relação ao mundo, em estado de sobrevoo. (Sartre, 1943/2011, p. 602-603).

Sartre localiza, portanto, o lugar e a condição de sujeito a partir da materialidade da vida. Por esta razão, na práxis de uma psicologia existencialista através da psicoterapia on-line, deve-se manejar clinicamente a localização material do psicoterapeuta e do paciente. Pede-se ao paciente que se localize enquanto materialidade no mundo: diga o local onde está, descreva o cenário da sala de onde se localiza, se é a sala da sua casa ou não etc. Da sua parte, o psicoterapeuta deve fazer o mesmo: informar se aquela é a sala do seu consultório com a qual o paciente está familiarizado; deve garantir que não há mais pessoas a rondar o local a fim de que o sigilo seja mantido; deve informar que tipo de mediação tecnológica está sendo utilizada, como está a conexão e se há risco de desconexão. Esse manejo clínico da materialidade pressupõe a própria vivência corporal dos sujeitos envolvidos no processo de psicoterapia enquanto dados sobre a materialidade vivida naquele momento da sessão. É uma tentativa de tornar esse novo encontro que caracteriza a modalidade de psicoterapia on-line, o encontro virtual, o mais claro e transparente possível em sua dinâmica, já que o psicoterapeuta e o paciente estavam familiarizados com a materialidade do encontro presencial que atendia a outro contrato terapêutico.

Um encontro mediado pela tecnologia, tal como se caracteriza uma sessão de psicoterapia on-line a partir da psicologia existencialista, pode ser tomado como metodologia possível para as psicoterapias fenomenológico-existenciais, desde que se considere tratar-se de um encontro cuja presença é de outra ordem, é presença virtual e, portanto, constitui outro tipo de relação psicoterapêutica com implicações específicas para essa mesma relação.

Talvez por isso mesmo o sofrimento psíquico durante a pandemia precise ser pensado, também, a partir das relações mediadas pela tecnologia, quando a vivência subjetiva é atravessada por variáveis que dizem respeito ao campo da virtualidade e parecem, de certo modo, comprometer a vivência da materialidade na condição do sujeito peri-pandemia. Como pensar o sofrimento psíquico na situação da pandemia de Covid-19?

Sufrimento Psíquico

Há algum dado relevante na narrativa do paciente sobre o corpo do seu psicoterapeuta parecer maior, referida anteriormente, que contribua com a compreensão do seu sofrimento psíquico e com o seu processo de psicoterapia? A narrativa apresenta um dado relevante: há escassez de materialidade na relação psicoterapêutica on-line. Talvez seja necessária uma discussão sobre que tipo de dimensão de materialidade atravessa as relações virtualizadas, como é o caso da relação psicoterapêutica que se realiza por meio da psicoterapia on-line.

Numa psicologia existencialista e numa abordagem de psicoterapia fenomenológico-existencial, o paciente necessita da materialidade da performance do corpo. Presenciar a narrativa nos lábios do seu psicoterapeuta é importante, pois é a partir da presença material que o paciente visualiza a fala acolhedora do seu psicoterapeuta a dizer “bom dia”, “boa tarde” e “boa noite”. Como isso se dá numa sessão virtual? Fenômenos como o cruzar dos braços, o franzir do cenho, o gesto, a emissão dos sons vocais na performance do ato dos sujeitos envolvidos na psicoterapia são imprescindíveis para que o encontro terapêutico se dê. Numa práxis clínica existencialista, é a partir dessa materialidade do ato que a relação psicoterapêutica se organiza: é pela que performance da narrativa, pelo gesto enquanto ato que corporifica o que é narrado, que se compreende o sofrimento vivido. Nesse sentido, “uma psicoterapia que segue o rigor fenomenológico e existencial deve buscar o ato, a unidade mais artesanal de expressão da subjetividade” (Melo, 2020, p. 33). Isto posto, resta-nos pensar que o sofrimento psíquico se dá, de certa forma, como sendo organizado, também, a partir dessa materialidade da vida.

O sofrimento psíquico não é simplesmente da ordem do interno. Diz respeito a certo teor de materialidade que se apresenta no empreendimento de um sujeito que é corpo-situação como tentativa de dialetizar o real e o imaginário. É nesta performance de subjetividade, enquanto “interiorização do exterior” e “exteriorização do interior”, que se apresenta a condição de um sujeito singular universal como vivência particular de sofrimento psíquico. Como isto se mostra no contexto contemporâneo no qual as relações são, ostensivamente, mediadas pela tecnologia? Quais as implicações da tecnologia no sofrimento psíquico do sujeito em sua forma particular de enfrentar uma pandemia?

O que chama atenção na pergunta do paciente, referida anteriormente, é certo teor de saudade que se revela como um fenômeno ao psicoterapeuta: saudade de estar face a face, olho a olho, corpo a corpo diante do maior espetáculo da clínica:

O paciente senta e começa a construir a narrativa sobre sua história. Esse é o grande espetáculo da clínica. Segue-se o caminho de volta à experiência, ela mesma se diz como é. E é pelo ato mesmo do encontro entre o paciente que narra a si próprio e o psicoterapeuta que se dá a contemplação de tal narrativa que surge esta tal clínica do ato. (Melo, 2020, p. 18).

A experiência de sofrimento que o paciente narra tem na materialidade da vida um elemento importante e isso se mostra, inclusive, na própria vivência da relação terapêutica. É desta saudade que o paciente está a falar enquanto narra na sessão de psicoterapia on-line seu sofrimento durante a pandemia: saudade de um encontro que se mostra verdadeiro pela sua materialidade.

O virtual não é verdadeiro?! Não se trata disto. Em fenomenologia e no existencialismo, não tratamos de verdade enquanto dado factível da realidade (Melo, 2020). A realidade é inventada! Tratamos do processo de invenção da realidade vivida. O que nos preocupa é como aquele sujeito se criou enquanto um sujeito em sofrimento psíquico e, ao narrar-se enquanto protagonista de tal invenção, encontra as saídas para seu projeto de ser futuro. O ato da narrativa se dá como um ato mesmo de invenção da própria realidade pela sua propriedade artesanal de comunicação: “a narrativa é uma forma artesanal de comunicação. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (Benjamim, 1985/1994, p. 205). Precisamos pensar como ocorre o processo de um sujeito narrar seu “si mesmo” enquanto mergulho no fenômeno da sua vivência de si e tentativa de dialetizar o real e o imaginário, no contexto da relação virtual na psicoterapia on-line.

O sofrimento psíquico na pandemia é resultado das relações dialéticas que o sujeito mantém com os outros, na situação histórica e política vivida no século XXI ao se escolher enquanto liberdade situada. A questão crucial a ser tratada é: como um sujeito particular escolhe-se enquanto liberdade na situação histórica deste século XXI, que tem na contingência de uma pandemia uma espécie de inauguração de um novo modo de estar no mundo apresentado no paradigma da tecnologia?

Aquele que sofre, sofre enquanto um sujeito (subjetividade + corpo + situação diante do outro) em certa condição de materialidade circundante no mundo. “O abismo que separa o real do imaginário” (Sartre, 1940/1087, p. 194) precisa ser localizado na vivência do sujeito como uma espécie de pano de fundo a partir do qual a consciência opera sua ação nadificadora, enquanto consciência posicional de si, num sujeito particular. No contexto do que aqui é discutido, durante a pandemia em 2020/2021, esse processo se estabelece a partir de dimensões específicas. A tecnologia parece ser a primeira e principal dessas dimensões. O nevrálgico é que a tecnologia parece tentar substituir a dimensão de negatividade da existência por certo conteúdo de positividade. Pela tecnologia o sujeito parece assumir uma espécie de coincidência consigo mesmo. A lógica dos algoritmos otimiza a vivência da condição de sujeito: filtros de imagem, felicidade em fotografias perfeitas, reconhecimento do outro pelo número de curtidas e seguidores do perfil etc. Não há espaço para a falta e à angústia é dada uma resposta objetificada, coisificada, por perder o sentido de perspectiva de um projeto de ser futuro: pela mediação da tecnologia, o sujeito é o seu perfil da rede social. Esta é a panaceia criada pelas empresas de tecnologia que se apropriam dos dados pessoais dos usuários da internet e moldam o comportamento do sujeito a partir de perfis virtuais, simulacros de existência.

É, no entanto, a partir disso que se revela certo teor de sofrimento em um sujeito particular na pandemia: há incertezas sobre o futuro e, às perguntas sobre o projeto de ser futuro, a pandemia responde de forma positivada: só vos resta morrer! As pessoas perderam seus empregos. Alguns não têm o que comer. São 381.475 mortos no Brasil até o momento da escrita deste texto (Ministério da Saúde, 2021). Os netos não veem seus avós. Os pais não voltaram do trabalho para verem seus filhos. As crianças tiveram suas rotinas roubadas. Isso não é subjetivo!

O sofrimento não é um fenômeno de sobrevoo que vem de algum lugar, chega ao sujeito não se sabe como produzindo certo resultado gratuitamente. Não! O sujeito que sofre é como o homem sério sobre o qual fala Simone de Beauvoir (1947/2013). É aquele que rompe certa

moral da ambiguidade. Ele se engaja em certo modo de existir a partir das respostas que dá as contingências da vida coincidindo consigo mesmo. Engendra um ato de existência violento em sua gênese: sucumbe à condição prático-inerte e não consegue dialetizar seu projeto de ser futuro ante as condições de possibilidades da sua atualidade material. Para sustentar a existência, o homem não pode coincidir consigo mesmo. Ele precisa encontrar sua forma particular de fazer a travessia entre o real e o imaginário operando certa poesia na existência. A letra mata, mas a palavra dita, cura! “De saída, o presente exige uma adaptação” (Sartre, 1940/1987, p. 194), e parece ser tal adaptação que a emergência da pandemia roubou. Essa crise, compulsória em sua constituição, posto ser uma pandemia, não deu tempo ao sujeito para a criação de formas dialéticas de enfrentamento. O sujeito em sofrimento psíquico se encontra como uma espécie de “sonhador mórbido”: ainda não conseguiu se adaptar a esse real “imprevisível”. A pandemia parece tê-lo lançado numa positividade do sofrimento: a existência tornou-se insustentável.

O sofrimento psíquico insustentável pode ser compreendido como aquele no qual se perde ou se corrompe a negatividade, o abismo entre o real e o imaginário. O que parece haver na experiência de virtualização das relações na contemporaneidade, e na pandemia em especial, já que foi imposto o padrão de relações virtualizadas a todos, é certa otimização, ou seja, certa negação da negatividade da condição humana. A tecnologia positiva a existência pela robotização da materialidade da vida. Ela dá ao homem aquilo que ele persegue, mas não precisa alcançar para permanecer existindo, em termos existencialistas: coincidir consigo mesmo. Para o existencialismo sartriano, o homem é um empreendimento que se vive enquanto sujeito, um projeto de ser que se perfila num horizonte futuro e nunca é alcançado, ou seja, se conclui na morte. Eis a ambiguidade do ser Para-si-Em-si que revela a condição humana. Destarte, a tecnologia é certa positividade paradoxal da vida humana, pois ela oferece uma otimização desnecessária ao ser, posto ser a condição humana sempre faltante e nesta falta se constituir enquanto um projeto. Por essa razão o sofrimento psíquico contemporâneo tem relação com essa positividade que a tecnologia e as redes sociais trouxeram ao cotidiano das pessoas (Han, 2017). O sujeito não consegue alcançar o avanço vertiginoso da tecnologia e não precisava fazê-lo, mas a lógica dos algoritmos parece impor tal necessidade.

A materialidade da vida apresenta a deterioração poética que o tempo revela. É essa relação entre a deterioração da materialidade da condição humana e a temporalidade enquanto poética da existência que se mostra de maneira eloquente no corpo enquanto escultura do ser, que a experiência de positividade paradoxal provocada pela pandemia coloca em questão. A

condição de negatividade, que sustenta o projeto de ser que o homem anuncia perseguir ao se revelar enquanto uma totalização em curso, foi positivada pela pandemia. Nesta crise sanitária, o sujeito achou-se diante de uma verdade inaudita: uma ameaça invisível totaliza o homem como projeto fechado, ou seja, o vírus mata, estaca o projeto em curso, compromete o futuro. Foi quando o sujeito contemporâneo já não pôde, *pari passu*, diante da materialidade das coisas e da vida que anuncia em cada escolha autônoma, assumir a negatividade da existência e a trocou pela positividade que a pandemia lhe trouxe, a exemplo daquilo que a tecnologia lhe proporciona – a positividade de um projeto concluído –, a angústia de viver tornou-se insustentável. Morre-se! Suicida-se! A pandemia positivou as projeções da Organização Mundial da Saúde sobre a depressão ser, em 2020, um mal tão incapacitante quanto doenças crônicas como o diabetes e a hipertensão. Assim, as pessoas encontram no diagnóstico da depressão uma resposta positivada para o desamparo que essa crise histórica proporciona, assim como na tecnologia encontram a otimização da vida e das relações. Perde-se ou ganha-se mais tempo diante da tela de um aparelho de tecnologia do que em viver.

Pandemia

Na pandemia vivemos o paradoxo da positividade pela negatividade. O isolamento social enquanto medida de enfrentamento da pandemia nos tirou de certa mundaneidade, em que a negatividade ordinária e suportável que sustenta o homem enquanto um projeto a se realizar, uma série de empreendimentos em curso, pode ser vivida. A pandemia roubou a rotina, roubou o transitar pelas ruas, roubou a livre circulação do ar sem que as pessoas tenham uma espécie de anteparo em suas narinas. E mais ainda, a pandemia tirou um elemento fundante da condição de sujeito enquanto tal: o Outro. Noutras palavras, o sujeito da pandemia foi positivado pela negatividade compulsória: a crise sanitária o roubou de si mesmo, daí a negatividade compulsória, mas o lançou numa conjuntura de positividade que ele não sustenta. O sujeito não sustenta o abandono da rotina do trabalho; não sustenta a presença ostensiva do Outro ao ter que ficar trancado com este em casa como forma de enfrentamento da pandemia – vide a provocativa cena da peça *Entre quatro paredes* – (Sartre, 1944/1977). O sujeito foi obrigado a se trancafiar em sua casa e impedido de estar mundo enquanto imensidão e lugar habitável a ser desbravado. Os vídeos das maiores cidades do mundo vazias, sem o barulho dos carros e sem o transitar das pessoas pelas ruas, são a representação icônica do sujeito da pandemia: cidades fantasmas, mas habitadas por dentro. Herméticas! Eis a parábola do sofrimento

psíquico contemporâneo: o sujeito em sofrimento psíquico durante a pandemia é uma cidade habitada por dentro e fantasma por fora. Eis o paradoxo da positividade pela negatividade.

Além do risco de contaminação, do risco de morte, da perda da atividade remunerada, o que está em questão nessa condição de “cidades fantasmas, habitadas por dentro”, nesta condição de isolamento e exposição a atividades e relações virtuais que a pandemia impôs é outra forma de viver a espacialidade. A vivência de crianças entre quatro e seis anos, por exemplo, retiradas da convivência com seus avós ou familiares que compõem os grupos de riscos, retiradas da convivência com seus amiguinhos e da rotina escolar, tem implicações sobre a vivência da espacialidade tão fundamental para o processo de desenvolvimento infantil. Levaremos ainda algumas gerações para avaliar o impacto de tal experiência sobre essa geração. A preocupação com a exposição das crianças à tecnologia já estava posta antes da pandemia, mas o que se enfatiza aqui é que ainda não se sabe que impacto terá, por exemplo, horas de exposição à tela no desenvolvimento infantil. Assim como ainda não se sabe as repercussões do isolamento social como forma de enfrentamento da curva de contaminação na condição psíquica das crianças. Uma questão importante a ser avaliada talvez seja como se dá, a partir da interação através da tela, a vivência corporal no processo de desenvolvimento infantil. Pela tecnologia, o corpo é enquadrado em limites pouco fluidos, em que a elasticidade da experiência parece ser limitada. Durante a pandemia as crianças não puderam desbravar o mundo que seu interlocutor lhes apresentou, a não ser de forma virtual, por quase dois anos letivos. Que impacto terá a exposição a esse tempo significativo em atividades remotas? Se essa imposição da positividade que a tecnologia promove pela experiência de virtualidade demarca certo roubo da materialidade da vida e tem implicações no sofrimento psíquico do sujeito contemporâneo, é provável que também tenha no processo de desenvolvimento infantil.

Diante do exposto, há uma relação entre o comprometimento da materialidade da vida e o sofrimento psíquico no contexto da pandemia. Se entre o real e o imaginário há uma fenda de negatividade, um nada de ser que a consciência enquanto absoluto de subjetividade tenta dar conta num sujeito que é corpo diante de um outro, a pandemia preenche tal fenda com a positividade da negatividade compulsória, o sequestro de certa materialidade da vida e a imposição do isolamento social. Esse comprometimento da materialidade da vida reflete-se, por exemplo, na sensação de que as pessoas já não podem andar livremente. Ao Estado foi dada a tarefa de fazer a manutenção da livre circulação do cidadão, cerceando seu direito de ir e vir como forma de garantir certa gerência do risco. A práxis da vida durante a pandemia parece

revelar que um dos elementos que estruturam a condição de sujeito, sua escolha autônoma e livre circulação pelo mundo, foi transmutado em risco materializado no Outro.

Eis uma questão fundamental: se para a psicologia existencialista o Outro é imprescindível ao sujeito, posto ser o outro o Eu que não sou e o mediador da dinâmica de nadificação da consciência em “ser o que não é e não ser o que é” (Sartre, 1943/2011, p. 109), na pandemia ele foi positivado enquanto um risco. Nisso há certa corrupção da alteridade em sua estrutura de exterioridade. O sujeito não pode estar com o Outro porque ele é potencialmente um risco de contaminação. A regra geral imposta a todos os que seguem as orientações sanitárias é clara: use máscara, evite aglomerações, não esteja com pessoas em lugares fechados. Noutras palavras: faça assepsia do contato! Está imposta a esterilização do convívio. Como não sofrer diante disso? A angústia em frente à condição de exterioridade do Outro enquanto fundamento da minha existência já estava posta. Sartre (1943/2011) discute profundamente isto em sua ontologia, mas a questão que parece atravessar a experiência do sujeito neste tempo de pandemia se apresenta com um detalhe: a falta, o interstício do entre da relação entre o sujeito e o outro, elemento fulcral para que o sujeito vivencie a dinâmica de nadificação da consciência organizando-se enquanto certa consciência posicional de si, está positivada. E o positivo é o risco de morte. O outro da pandemia é um risco! E não se trata de um risco que engendra a condição do Outro em poder fazer alguma coisa do sujeito que sou, fórmula traduzida no provocativo aforismo sartriano "o inferno são os outros" (Sartre, 1944/1977, p. 23), condição à qual o sujeito responde com sua autonomia de escolha fazendo alguma coisa com aquilo que o Outro fez dele, corrompendo-o em sua condição de inferno – o conflito dialético favorável à existência –, trata-se de um outro tipo de conflito. A ordem do conflito com o Outro atualizado na pandemia ainda precisa ser discutida. Ela parece se apresentar de forma eloquente nosso sofrimento psíquico vivido na pandemia.

Se o sujeito particular tem nome, endereço, CPF e um passado, na pandemia ele se transformou na positividade de um número: de contaminados, de recuperados e de mortos.

O sujeito em sofrimento psíquico durante a pandemia parece assumir a posição do "sonhador mórbido" sobre o qual fala Sartre em *O Imaginário* (1940). É um sujeito que se positivou pelo comprometimento da materialidade da vida enquanto um projeto de ser inviabilizado. Ele preencheu a fenda entre o real e o imaginário com uma vivência de temporalidade futura que só lhe apresenta a morte como saída. A pandemia comprometeu o projeto de futuro. O "sonhador mórbido" da pandemia sonha que seu futuro é a morte, posto ser

o Outro a materialização de um risco. A crise sanitária deu ao “sonhador mórbido” um objeto imaginário muito desejado, porém, diante do qual o sujeito tem uma grave dificuldade em se adaptar. O real “sempre novo, imprevisível” (Sartre, 1940/1987, p. 194) desta conjuntura histórico-política tão angustiante que se mostrou em 2020/2021 apresentou ao sujeito em sofrimento psíquico um grande pesadelo: a morte tem uma face infernal, a face inevitável do Outro.

Considerações Finais

O sofrimento psíquico é expressão da maneira como o sujeito contemporâneo experiencia o paradigma da tecnologia diante da crise sanitária oriunda da pandemia de Covid-19. Para a discussão apresentada neste texto, partiu-se de noções fundamentais do existencialismo sartriano, dentre elas a noção de consciência, de angústia, de Outro, de situação e de projeto de ser a fim de apresentar a relação entre a materialidade da vida, o sofrimento psíquico e a pandemia. Há um comprometimento da materialidade da vida na vivência de relações interpessoais mediadas pela tecnologia. O isolamento social enquanto medida de enfrentamento da pandemia é uma questão nevrálgica e atravessa o sofrimento psíquico contemporâneo. A pandemia mergulhou o sujeito num mundo de virtualidade onde a condição de angústia, que para o existencialismo autentica o homem enquanto liberdade situada a perseguir um projeto de ser, é positivada. Ou seja, pela tecnologia otimiza-se as relações faltantes naturais na condição humana e, no contexto da pandemia, positiva-se a negatividade da existência por uma resposta categórica: o futuro é a morte e ele chegou. O sofrimento psíquico é, assim, resultado dessa otimização, pela crise sanitária, da condição faltante do homem em ser um projeto que agora, pela tecnologia, é concluído: somos um número de mortos no mundo inteiro. E esta conclusão sobre nosso projeto de ser está a um clique, a uma piscada ou um espirro vindo do Outro, seu interlocutor, ícone de contágio.

Referências Bibliográficas

- Benjamin, W. (1987). Magia e técnica, arte e política - ensaios sobre literatura e histórias da cultura. In *Obras Escolhidas* (S. P. Rouanet, trad., 3a ed., vol. I) São Paulo, SP: Editora Brasiliense. (Obra original publicada em 1985).
- Beauvoir, Simone de (2013). *Pour une morale de l'ambiguïté suivi de Pyrrhus et Cinéas*. Paris: Gallimard. (Obra original publicada em 1947).
- Brasil, Ministério da Saúde (2020). Coronavírus/Brasil. In *Painel Coronavírus*. Recuperado de <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 01/ dez./ 2020.
- Han, Byung-Chul (2017). *Sociedade da transparência*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Melo, D. M. P. (2020). *Clínica do Ato – por uma fenomenologia do corpo em psicoterapia*. Curitiba, PR: Juruá Editora.
- Sartre, J-P (1977). *Entre quatro paredes*. São Paulo, SP: Abril S.A. cultural e industrial. (Obra original publicada em 1944).
- Sartre, J-P. (1987). *Lo Imaginário*. Buenos Aires: Ibero Americana. (Obra original publicada em 1940).
- Sartre, J-P. (1966). *Questão de método* (B. Prado Jr., trad.). São Paulo, SP: Difel. (Obra original publicada em 1960).
- Sartre, J-P (2010). *O existencialismo é um humanismo* (J. B. Kreuch, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Obra original publicada em 1946).
- Sartre, J-P (2011). *O Ser e o Nada: Ensaio de ontologia fenomenológica* (20a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Obra original publicada em 1943).